Artefactum
Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

LINGUAGEM E COGNIÇÃO: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM NARRATIVAS

Giezi Alves de Oliveira
giezzy@hotmail.com
http://lattes.cnpq.br/7284469497156826

RESUMO

O processo de compreensão de narrativas envolve diversos fatores, dentre eles o acionamento de sentidos por meio de inferências, analogias, referencias e representações mentais, evocados por pistas linguísticas presentes em construções discursivas convencionalizadas. Essa convencionalidade é fruto da capacidade cognitiva do ser humano de criar categorias discursivas e linguísticas que nos ajudam a ativar e acionar os significados a partir de textos, sejam eles orais ou escritos, ficcionais ou não. Este trabalho pretende discutir o processo de construção e compreensão de narrativas, com base nos pressupostos da Linguística Cognitiva, na teoria dos *Frames* (FILLMORE, 1976, 1977, 1982; LAKOFF, 2008), na Simulação Mental (Barsalou, 1999) e nos Modelos Situacionais (ZWAAN, 1999). Para isso, analisamos a fábula A Reunião Geral do Ratos de Esopo e trechos do romance Macunaíma de Mário de Andrade. Desse modo, acreditamos que este trabalho possa contribuir para os estudos cognitivistas acerca da compreensão de narrativas.

Palavras-chave: **Cognição. Modelo Situacional. Frame Discursivo. Simulação Mental.**

1. LINGUAGEM E COGNIÇÃO

A capacidade de desenvolver linguagens e transmitir informações é uma habilidade essencial para sobrevivência humana. Mas como atribuímos sentido a um discurso a partir de textos escritos? Como um conjunto de signos leva leitores à compreensão de uma mensagem? O que sabemos sobre o significado é que ele é dinâmico e que atribuímos sentido a um texto a partir das pistas linguísticas e das concepções que construímos nas experiências que armazenamos ao longo de nossas vidas. O ato de contar estórias está na base da cognição humana. Segundo Turner (1996), biologicamente nos assemelhamos às outras espécies de animais porque agimos, sentimos e pensamos no aqui e agora em termos de sobrevivência, mas o que nos torna tão diferentes deles é a capacidade de criar abstrações sobre os nossos sentimentos, ações e eventos. Pretendemos, neste trabalho, discutir os processos de compreensão de narrativas a partir dos pressupostos da Linguística Cognitiva, doravante (LC), que defende a tese de que o corpo é a base para a construção do pensamento e da linguagem. Para a

LC três elementos são caros e basilares aos estudos cognitivistas: as noções de esquemas imagéticos, *frames* e simulação mental (cf. FILLMORE, 1977; LAKOFF e JOHNSON, 1999, BARSALOU, 1999; GIBBS, 2005 e BERGEN, 2005, 2007). Esquemas imagéticos estão relacionados ao modo como organizamos, em termo de memória, as nossas experiências perceptuais e sensório-motoras como, por exemplo, as noções de início, meio e fim (ORIGEM-CAMINHO-META); dentro/fora (CONTÊINER), junção de coisas (LIGAÇÃO), direção e movimento de seres em um trajeto (TRAJETOR/MARCO).

Frames são representações mentais de cunho estereotipado e elaborado cognitivamente por meio de scripts, cenários, roteiros, taxonomias e categorias (cf. MINSKY, 1975; FILLMORE, 1977). Segundo Duque e Costa (2012), os *frames* nos permitem reconhecer que uma dada situação pertence à certa categoria e são esses conhecimentos que nos fazem compartilhar informações acerca de eventos e simular ações em um determinado ambiente como em um restaurante, por exemplo. Sabemos que o ato de simular está na base do processo construcional dos significados e essa capacidade é possível devido a uma complexa rede neural que conecta cada parte do nosso corpo ao cérebro e nos permite perceber as coisas ao nosso redor.

A simulação Mental é tão importante que entrou na pauta dos pesquisadores da Inteligência Artificial (IA). Esses estudiosos acreditam que entendendo o funcionamento do cérebro podem desenvolver um modelo de inteligência artificial que simule o comportamento humano. Contudo, o complexo mundo mental e o aparato sensório-perceptual humano revelam grandes limitações para um projeto tão ambicioso. Isso porque para desenvolver a inteligência humana as máquinas teriam que pensar e agir como se fossem humanas, de maneira a projetar intenções, causas e consequências durante o processamento de informações e discursos (OLIVEIRA, 2012).

2. A NARRATIVA

A narrativa é uma das ferramentas cognitivas mais eficientes para a comunicação humana. Ela permite a transmissão de experiências reais ou fictícias. Conforme Steen (2005), por meio da narrativa a criança alcança um novo amigo, solicitando contato através da confirmação de uma realidade imaginativa compartilhada; o advogado defende

a inocência de seu cliente (despertando as emoções de um júri) e um contador de estórias entretém um público.

A narrativa guia a nossa imaginação e nos leva a simular causas, consequências e intenções para eventos que ocorrem ou ocorreram no passado, no presente ou no futuro. Acreditamos que o ato de narrar favorece a simulação mental e tem um papel crucial na construção e emergência cognitiva dos discursos. Conforme Damásio (2011), a interação entre corpo, mente e cérebro permite a criação de memórias que se tornam registros neurais e isso é essencial no processo de construção de sentido em narrativas. Esses recursos permitem a criação de padrões discursivos que, segundo Östman (1999 *apud* DUQUE e COSTA, 2012), são construções linguísticas ativadas através do pareamento de forma e significado. Nesse enquadre, a forma estaria associada aos esquemas formais, como a ordem dos elementos linguísticos dispostos na sentença, os níveis lexicais e fonológicos, por exemplo, e aos esquemas conceptuais, concebidos pela nossa interação com o mundo. Desse modo, e de maneira esquemática, poderíamos demonstrar que um padrão discursivo envolve: (i) um esquema da forma, definido pela organização das sentenças; (ii) um esquema semântico, delimitado pelos esquemas imagéticos e esquemas de ação, definidos por alguns verbos; e (iii) *frames,* construído nas relações sociais. Vejamos em (01), de maneira resumida, como o polo da forma e do significado são esquematicamente organizados:

(01)

ESQUEMAS DA FORMA E DO SIGNIFICADO

Polo da forma (esquemas da forma)	**Polo do sentido (esquemas imagéticos)**
Papel fonológico	Origem, caminho, meta (OCM)
Papel ortográfico	Trajetor-marco
Padrão construcional (papel sintático)	Contêiner
Restrição	Parte-todo
	Ligação

Em (01), as sentenças são representadas no quadro por meio de dois polos constituídos de papeis específicos. Tomemos como exemplo a sentença em (02) para fins didáticos:

(02)

A moça botou Macunaíma na praia.(ANDRADE, 2007, p.14)

Em (02) podemos descrever a seguinte organização esquemática, quando nos referimos ao polo da forma e do significado enunciativo:

1- Esquemas da forma:

a) Cadeia fonológica: [a moça] [botow] [Macunaíma] [na] [praia]

b) Cadeia Ortográfica: botou, Macunaíma, praia

c) Restrições: artigo antes do nome, preposição antes do nome, e sufixo após radical

d) Cadeia sintática - padrão construcional:

e) Sintagmas:

nominal	**verbal**	**nominal**	**preposicional**	**nominal**
A moça	botou	Macunaíma	na	praia

2- Esquema do significado: X causa Y mover Z

a) Trajetor: a moça

b) Marco: ponto inicial da trajetória

c) OCM: a moça > botou > na praia

d) Contêiner: praia

e) Ligação: Moça > Macunaíma > praia

Em (02) verificamos que os esquemas imagéticos se combinam na construção do enunciado. No entanto, as informações presentes neste encadeamento de esquemas nos permitem ativar um Padrão Discurso como a narrativa. Marcuschi (2005), nos deu uma contribuição importante acerca dos aspectos que envolvem a construção de um texto. Contudo, ele trata a narrativa como componente formador de uma infinidade de gêneros textuais como a fábula, o romance, os contos etc. Aventamos que essa é uma contribuição relevante para os meios a que se destinam, mas não essencial para o processo de construção de sentido, uma vez que os outros tipos textuais como a descrição e injunção são também elementos que estão envolvidos em maior ou menor

grau com as narrativas. Uma receita de bolo, por exemplo, seria também uma narrativa sobre como fazer um bolo; a propaganda de um produto se ancora, normalmente, em uma narrativa para nos convencer a comprar não só o produto, mas a ideia por trás do produto. Assim, uma narrativa não se constitui em um mero encadeamento de sentenças, mas uma complexa construção textual envolvendo conceptualizações, ativadas e acionadas[1] em nossa mente via *frames.* Acreditamos que os *frames* têm papel relevante para o processo de construção de sentido em narrativas. São eles que permitem realizar projeções comportamentais, interacionais e culturais e nos faz construir a noção de Frames Discursivos durante a leitura das diversas categorias discursivas.

3. FRAMES DISCURSIVOS

Conforme Fillmore (1976), alguns *frames* são mais especializados para a comunicação e um deles é o *frame* interacional. Esse tipo de *frame* está ligado às diversas categorias discursivas que temos conhecimento, tais como contos, receitas e notícias. Para Fillmore (1982, p. 117, Apud DUQUE, no prelo), esse tipo de frame é deveras importante para os estudos cognitivistas, apesar de receber pouca atenção dos estudiosos da semântica de *frames* (MINSKY, 1975; FILLMORE, 1977; MORATO, 2010; PETRUCK, 1996) e da gramática de construções (GOLDBERG, 1995). Os estudos de Lakoff (2008), acerca da mente política está em estreita harmonia com essa categoria de *frame*. Com base nessas noções, é possível falarmos no processo de emergência de Frames Discursivos (OLIVEIRA, 2012, 2014), doravante (FD).

Estamos chamando de FD o resultado de um conjunto de informações que emergem dos discursos. É a mensagem transmitida via discurso sociocultural, político, filosófico e comportamental, mas não somente isso. Em linhas gerais, FD são modelos sociais, textuais e discursivos criados holisticamente a partir da frequência com que nos relacionamos com o mundo, conforme a finalidade e o modo como manuseamos ou manipulamos textos e discursos (OLIVEIRA, 2012, 2014). Tais frequências formam blocos

1 Aqui Dizemos que algo é **ativado** quando um conjunto de informações está disponível na memória do leitor e dizemos que algo foi **acionado** quando uma das informações disponíveis é de fato recuperada durante o processo de construção de sentido.

cognitivos que são armazenados em nossa memória de curto termo e longo termo[2.] Essa atividade cognitiva é de suma importância para a construção dos significados. Aventamos que há três níveis de FD:

1. Nível superordenado: resultante da moral da estória, da dimensão psicológica;
2. Nível ordenado: são as categorias discursivas, ou Padrões Discursivos de textos, resultado do pareamento entre esquemas e *frames*;
3. Nível subordenado: são os *frames*, acionados pelas pistas linguísticas, sonoras ou visuais durante o processo de construção de sentido.

Narrativas, em geral, apresentam os três níveis de FD bem definidos. Uma categoria discursiva bastante prototípica é a fábula. Vejamos como isso ocorre em (03):

(03)

> A reunião geral dos ratos[3]
>
> Certa vez os ratos, que viviam com medo de um gato, fizeram uma reunião para encontrar um jeito de acabar com aquele eterno transtorno. Os planos foram discutidos e abandonados. Por fim um rato jovem levantou-se e deu a ideia de pendurar uma sineta no pescoço do gato, assim, sempre que o gato chegasse perto, eles ouviriam a sineta e poderiam fugir correndo. Todos bateram palmas: o problema estava resolvido. Vendo aquilo, um rato velho que tinha ficado o tempo todo calado levantou-se de seu canto. O rato falou que o plano era muito inteligente, por certo as preocupações deles tinham chegado ao fim. Só faltava uma coisa: quem ia pendurar a sineta no pescoço do gato?
> Moral: Inventar é uma coisa, fazer é outra.

Em (03) verificamos que a pista linguística “reunião, no título, aponta para um *frame* conhecido que sugere um cenário e dentro dele uma série de procedimentos relativos aos participantes envolvidos na sessão; a sequência de quem irá falar primeiro; o tema da reunião, o espaço onde ocorrerá e a duração do evento. Além disso, ao lermos

---

2 *Memória de Curto Termo* recebe as informações já codificadas e as retém por um breve intervalo de tempo (de segundos a minutos), para que sejam utilizadas, descartadas ou mesmo estocadas. A *Memória de Longo Termo* obtém as informações da *Memória de Curto Termo* e as armazena na forma de padrões abstratos de conhecimento (DUQUE, 2012).

3 Fábula extraída do livro Fábulas, publicada pela editora Martin Claret (2006, p. 171).

que se trata de uma reunião de ratos inferimos que o texto está no campo da ficção e da categoria discursiva fábula. É a partir do título que ativamos um FD do tipo ORDENADO.

Ao longo do texto, as pistas linguísticas que indicam ações, fatos e eventos nos conduzem ao acionamento do FD de nível SUBORDENADO. É nesse nível que criamos cenários, relacionamos causas e consequências, fazemos inferências e simulamos as ações das personagens. Podemos inferir, por exemplo, que a estória é sobre "problemas", "soluções" e "decepções". Esse nível está intrinsicamente ligado ao nível ordenado. É ele que nos faz confirmar ou não aquilo que inferimos inicialmente através do título ou tema apresentado ao leitor. Em resumo o que temos é o seguinte roteiro:

Problema: o gato;
Solução: reunião – plano – sineta;
Decepção: quem irá colocar a sineta no pescoço do gato?

No nível SUPERORDENADO, o que temos é a mensagem que nós, enquanto leitores, atribuímos ao texto. Este nível se revela como o mais prototípico de todos, é a resolução, o discurso acionado. A grande maioria das fábulas oferece ao final um frame discursivo resolvido de nível superordenado, no caso da fábula em (03) foi: "Inventar é uma coisa, fazer é outra". Contudo, esse é um enunciado elaborado pelo narrador/escritor. De certo poderíamos criar outros enunciados, a depender do nosso grau de conhecimento, abstração e apropriação do discurso.

Assim, alertamos que esses níveis não são fixos, ou seja, eles não seguem, necessariamente, a mesma ordem durante o processo de emergência do significado. As manchetes de jornais, por exemplo, nos apresentam, inicialmente, um FD de nível superordenado, criado pelo editor do jornal ou da revista e isso nos conduz, após a leitura do texto, na integra, à construção do nosso próprio FD de nível superordenado.

O FD de nível ordenado, nesse caso, seria a própria categoria discursiva MANCHETE JORNALÍSTICA, além das divisões discursivas apresentadas nas diversas seções que compõem os jornais e revistas como, por exemplo, as seções de "esporte", "entrevista", "cartas do leitor", "comportamento", "medicina e bem estar"; "economia", "internacional", "cultura" etc.

Além de estar em consonância com as categorias discursivas, FD estão em harmonia com as noções de Modelos de Situação (ZWAAN, 1999) que, em linhas gerais, são representações mentais acionadas durante o processo de emergência dos FD.

Segundo Zwaan (1999), quando as pessoas compreendem um texto, formam representações mentais do estado de coisas descritas. Essas representações são denominadas *modelos de situação.* Para ele, quando lemos um texto vamos além da construção de uma representação do texto. Também construímos um modelo da situação denotado pelo texto (c.f. JOHNSON-LAIRD, 1983; KINTSHC &VAN DJIK, 1978).

Compreender um texto equivale, assim, a construirmos uma representação coerente do mundo descrito na estória. Realizamos inferências sobre os protagonistas, sua relação com objetos e, até mesmo, sobre seus estados emocionais como podemos verificar em (04):

(04)

> (...) "Terminada a função, a companheira de Macunaíma, toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó". (ANDRADE, 2007, p. 35).

Os elementos linguísticos em (04) parecem nos conduzir para a emergência de um FD típico de pacto matrimonial. O nosso conhecimento acerca do *layout* de um cenário descrito torna-se importante porque é com base nele que acionamos, inferimos e ajustamos as nossas representações mentais, conforme a locação e os objetivos dos protagonistas. De acordo com Rizzolatti e Wolpert (2005), é como se assumíssemos o ponto de vista das personagens. Isso revela que Neurônios Espelhos[4] estão envolvidos no processo e que as ações que objetivamos executar permitem predições acerca de ações futuras. Simulamos, assim, as personagens descritas em um determinado espaço temporal, praticando ações e tendo que lhe dar com as causalidades e os efeitos dessas ações.

---

4 Neurônios Espelhos são responsáveis pelos sentimentos de EMULAÇÃO e pela IMITAÇÃO de ações motoras (GALLESE, FADIGA, FOGASSI, & RIZZOLATTI, 1996). Esses tipos de neurônios são disparados quando executamos ou observamos atividades motoras específicas como, por exemplo, as ações de empurrar ou puxar objetos.

4. A DIMENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA NARRATIVA

O que conhecemos sobre o tempo é que, no mundo real, ele se revela de maneira cronológica, ou seja, há uma ordem direta na ocorrência dos eventos, definindo todas as ações realizadas entre o início e o fim. Na realidade humana, nada ocorre sem que obedeçamos a uma sequência cronológica. Quando decidimos nos deslocar de um lugar para outro, todos os eventos intermediários são experienciados tais como: planejamento, preparação, passagem pelo percurso e destino final. Contudo, embora os eventos ocorram em um fluxo contínuo no mundo real, a língua nos permite mudar a ordem dos eventos. No desenvolvimento de uma narrativa, não há a necessidade de se apresentar o contínuo da estória detalhadamente. Enquanto os eventos da vida real seguem um após o outro sem lacunas. Uma estória pode ter descontínuos temporais, ou seja, omissões de eventos não relevantes para a trama. Essas lacunas temporais normalmente são reveladas por sintagmas do tipo “no outro dia”, “dois anos depois”, “assim que ela entrou em casa” etc. Os blocos que permanecem entre as lacunas temporais representam pedaços da experiência enquanto um todo. Isso pode ser evidenciado no trecho em (05)

(05)

> No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. **Houve um momento** em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que **a índia, tapanhumas pariu uma criança** feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. **Já na meninice** fez coisas de sarapantar. De primeiro: **passou mais de seis anos não falando.** Sio incitavam a falar exclamava: If — Ai! Que preguiça! “E não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, **Maanape já velhinho** e **Jiguê na força de homem.** (ANDRADE, 2007, p. 04).

Em (05), verificamos que o processamento da compreensão não necessita, necessariamente, de uma ordem cronológica, porque o que está em jogo é a focalização, revelada pelos sintagmas temporais destacados acima. Por meio dessas pistas podemos inferir que algo aconteceu no passado através das expressões “houve um momento”, “passou mais de seis anos” e “pariu uma criança”. Entre esses eventos, outras coisas provavelmente aconteceram, mas o que está em jogo é o nascimento da criança e os

detalhes envolvidos no nascimento. Os detalhes ficam por conta da nossa imaginação e do nosso conhecimento experiencial. Outro fato a considerar, com relação à temporalidade da estória, seriam as expressões que designam espaço temporal como os sublinhados no trecho acima. As pistas inferem que "já na meninice", "na força de homem" e "velhinho" representam a infância, a juventude e a velhice, respectivamente. Esses elementos faz emergir FD acerca da inocência, da experiência e sabedoria dos protagonistas, o que nos conduza a criar, também, expectativas acerca da personalidade das personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos neste trabalho que os processos de construção de significados em narrativas envolvem experiências sensório-motoras e que acionamos informações armazenada em nossa memória de curto e longo termo por meio de um conjunto de elementos como Simulação Mental e Frames Discursivos; Esquemas Imagéticos e Modelos de Situação. Verificamos que ao lermos estórias vamos além da construção linguística de um texto e que assumimos a perspectiva das personagens. Simulamos os eventos descritos e monitoramos as ações dos protagonistas a partir de referentes de TEMPO, de LUGAR e de PESSOA. Julgamos que este trabalho, focado na emergência dos Frames Discursivos e nos Modelos Situacionais, possa contribuir para os estudos cognitivistas acerca da análise construcional do discurso, na medida em que demonstra o que pode acontecer nos bastidores da mente humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*, Rio de Janeiro AGIR EDITORA LTDA, Ed. 2007.

BARSALOU, L. W. Perceptual symbol systems. *Behavioral and Brain Sciences*, 22, 577–660, 1999.

_____. Language comprehension: Archival memory or preparation for situated action. *Discourse Processes*, 28, 61–80, 1999.

BERGEN, B. K. Mental simulation in literal and figurative language. In Seana Coulson and Barbara Lewandowska-Tomaszczyk (eds.) The Literal/Non-Literal Distinction, 2007.

BERGEN, B.K. e CHANG, N. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In J.-O. Östman and M. Fried (eds.), Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions. Johns Benjamins, 2005.

DUQUE, P. H. e COSTA, M. A. Linguística *Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2012.

DUQUE, P. H. *Linguagem e Cognição:* Mistérios da Mente Corporificada. Disponível em: http://cognicaoelinguagem.wordpress.com acessado em 10/03/2012, às 18:30.

FILLMORE, Charles. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, Steven R.; STEKLIS, Horst D.; LANCASTER, Jane. (eds.) *Origins and evolution of language and speech*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976.

FILLMORE, Charles. Scenes-and-frames Semantics. In ZAMPOLLI, Antonio (ed.) *Linguistic Structure Processing*, 55 – 82. Amsterdam: North Holland Publishing Company, 1977.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In *Linguistics in the Morning Calm*, ed. by The Linguistic Society of Korea,111-137. Soeul: Hanshin, 1982.

GALLESE V., FADIGA L., FOGASSI L., RIZZOLATTI G. Action recognition in the premotor cortex. *Brain 119 (2):593-609, 1996.*

GIBBS, R. W. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge University Press, 2005.

GOLDBERG, A. Constructions: a construction grammar approach to argument structure Chicago: University of Chicago Press, 1995.

JOHNSON, M. *The body in the mind*: The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, M. *The Meaning of the body*: *Aesthetics of Human Understanding*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

JOHNSON-LAIRD, P.N. *Mental Models: Toward a Cognitive Science of Language, Inference and Consciousness.* Harvard University Press, 1983.

KINTSHC, W. e VAN DJIK, T.A. Toward a model of, text comprehension and production. Pysichol. Rev. 85, 363-394, 1978.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. *The Political Mind*: A Cognitive Scientist's Guide to your Brain and Politics. Penguin, 2008.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought1. New York: Basic Books, 1999.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MINSKY, M. A. Framework for representing knowledge. In the: *Psychology of Computer Vision*, P. Winston, ed. McGraw-Hill, New York, 1975.

MORATO, Edwiges. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF* – Dossiê: Letras e cognição, 41: 93-113, 2010.

OLIVEIRA, G. A. Processos Cognitivos que Operam na Configuração de Narrativas: uma pesquisa exploratória dos fenômenos que subjazem à compreensão de textos. Dissertação de mestrado. Natal: UFRN, 2012.

_____. O Processo de Construção de Sentido Em Narrativas: da Teoria Neural da Linguagem à Semântica da Simulação. In: Anais do 25ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste, 2014, Natal. Anais da XXV Jornada Nacional do GEL NE. NATAL: EDUFRN, 2014. p. 01-11.

ÖSTMAN, J. Coherence through understanding through discourse patterns: Focus on news reports. In: Wolfram Bublitz, Uta Lenk and Eija Ventola (eds.). Coherence in Spoken and Written Discourse. How to Create it and how to Describe it. Selected Papers from the International Workshop on Coherence, Augsburg, 24-27 April 1997. (Pragmatics & Beyond New Series 63). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1999. P. 77-100.

PETRUCK, Miriam R. L. Frame Semantics. In JAN-OLA ÖSTMAN, Jan; VERSCHUEREN, Chris; BLOMMAERT, Jan (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.

RIZZOLATTI G., WOLPERT D.M. *Motor systems*. *Curr Opin Neurobiol.* 15(6):623-625, 2005.

STEEN, FRANCIS F. *The Paradox of Narrative Thinking. Journal of Cultural and Evolutionary Psychology* 3. 1: 87-105. 2005.

TURNER, Mark. The literary mind: The Origins of Thought and Language. Oxford: Oxford Unversity Press, 1996.

ZWAAN, R. A. Situation Models: The mental leap into imagined worlds. American psychological Society. Florida: Blackwell Publishers, 1999.

SOBRE O AUTOR:

Doutorando pelo programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, Mestre em Estudos da Linguagem e participante do grupo de pesquisa Cognição e Práticas discursivas da UFRN. Atua como professor/tutor no curso de pós-graduação a distância em literatura e ensino pela UAB/IFRN nas seguintes disciplinas: *Leitura e Produção do Texto Criativo, Literatura e História,* Literatura e Estudos Culturais e Metodologia da Pesquisa.